

METODOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO DE PROJETOS EM HISTÓRIA

Resenha: VASCONCELOS, José Antonio; CARDOSO, Maurício. **Metodologia do desenvolvimento de projetos em História.** Curitiba, Intersaberes, 2021, 256p.

Amanda Reis dos Santos¹

Programa de Pós-Graduação em História Comparada
(PPGHC/UFRJ)

Lançado em 2021, *Metodologia do desenvolvimento de projetos em História* é uma obra essencial e obrigatória a todos aqueles interessados em conhecer o que está para além das duas opções de atuação mais comuns visadas por historiadores profissionais – isto é, a sala de aula, seja no exercício do magistério no Ensino Básico ou Superior; ou o campo de pesquisa vinculado a programas de pós-graduação na condição de mestrandos, doutorandos e pós-doutorandos. Devido à singular preocupação dos autores em levar ao público informações a respeito das possibilidades de carreira e exercício profissional na área de História, o livro se mostra de grande valia – sobretudo em um momento pós-pandêmico e de sucateamento da Educação e das Ciências Humanas no país².

Por meio, então, de exemplos práticos, José Antonio Vasconcelos – pós-doutor em História pela *University of Virginia* e professor da Universidade de São Paulo (USP) – e Maurício Cardoso – doutor em História pela *Université Paris Nanterre* e pela USP, onde também é professor – estruturam os seis capítulos de *Metodologia do desenvolvimento de projetos em História* da seguinte forma: no primeiro, intitulado

¹ Mestre em História Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em História Comparada (PPGHC/UFRJ). Bolsista CAPES. Contato: ardstoria@gmail.com.

² RIBEIRO, Bianca Zanella; NAVARRO, Daniella Lisieux de Oliveira Navarro. O Brasil não precisa das Ciências Humanas e Sociais: uma leitura possível da publicidade governamental sobre o ENEM. *Revista Observatório*, 6, 2, p. 1-26, 2020; BARROS, Fernanda Costa; VIEIRA, Darlene Ana de Paula. Os desafios da educação no período de pandemia. *Brazilian Journal of Development*. 7, 1, p. 826-849, 2021.

“Muito além da sala de aula”, os autores desmistificam a premissa de que a única possibilidade de atuação do historiador é a carreira docente. Pelo contrário, a pesquisa, a organização e a conservação de acervos, as consultorias, o trabalho com editoração, a produção de materiais didáticos e a curadoria de eventos são apresentados como alternativas viáveis a este profissional. Isto porque, segundo afirmam, “o que diferencia o trabalho do historiador dos demais é o conjunto específico de habilidades que fazem parte de sua formação acadêmica, algo que, de modo geral, podemos chamar de ‘método histórico’” (2021, p. 22). Nesse sentido, fica claro que o historiador tem contato, ao longo de toda sua formação, com aspectos teóricos e práticos no que tange a projetos e planejamentos, e que, via de regra, recebe uma sólida formação para tratar objetos, eventos e problemáticas com um olhar que valoriza o tempo e o rigor metodológico para com as fontes. Por isso, é capacitado para atuar nos mais variados campos que demandam este tipo de conhecimento.

Outro aspecto importante apresentado ainda no primeiro capítulo que não poderia deixar de ser mencionado é a recomendação para que o historiador não se isole: se, logo nas primeiras páginas, fica evidente que este profissional possui diferenciais devido à sua formação, é imprescindível, por outro lado, que exista coesão entre os pares, solidez na divulgação de informações e sintonia com transformações sociais que afetam sua atuação no mercado – o que pode e deve ser buscado por meio das associações, como a ANPUH (Associação Nacional de História), o IGHB (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro), ou a ABHO (Associação Brasileira de História Oral), por exemplo, de forma mais geral; e a Associação Brasileira de Estudos Medievais (ABREM), a Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos (SBEC), dentre outras de caráter mais específico.

No capítulo seguinte, Vasconcelos e Cardoso tratam da preservação da documentação – escrita ou material – e da memória por ela deixada por meio do trabalho em museus e arquivos, sejam públicos ou privados. Nesta função, lembra-se, mais uma vez, da capacitação do historiador para realizar pesquisas no que tange à recuperação, seleção, restauração e disponibilização destas fontes para consulta – enfatizando, ainda, a potencialidade do trabalho transdisciplinar com outras áreas. Nesse escopo, algumas definições importantes são feitas, tais como de *arquivos*, *acervos*, *arquivística*, *preservação*, *conservação*, *restauração*, *patrimônio*, *exibição*,

reserva, dentre outras – o que é imprescindível para situar o leitor nesses campos de trabalho. Aliado a isso, são citados alguns exemplos instituições museais e arquivísticas, além dos caminhos para se especializar nestas áreas.

É um capítulo, pois, que reafirma publicamente, em uma linguagem acessível, o que geralmente historiadores de formação aprendem na academia: o caráter perene das perguntas a respeito dos objetos e eventos históricos, que não se restringem meramente ao passado ou pretendem dar conta apenas de dados factuais. Com isso, a narrativa do livro valoriza os locais de preservação de memória e do patrimônio acima mencionados, relacionando-os a preocupações do tempo presente – como expresso pelo Museu da Língua Portuguesa e o Museu da Diversidade Sexual, ambos de São Paulo.

“Divulgação do conhecimento histórico”, o terceiro capítulo do livro, talvez seja um de seus pontos mais altos – ao menos no sentido da relevância para a vida cotidiana do historiador no século XXI: dividido em quatro seções, seu objetivo é apresentar as possibilidades de atuação deste profissional em atividades de consultoria, em trabalhos que lidam com o audiovisual (filmes, séries, documentários, telenovelas, *podcasts*, dentre outros) e publicações de materiais didáticos impressos ou digitais. Iniciando a temática com o incômodo tópico dos desafios do mercado de trabalho, os autores argumentam que se vive em um momento oportuno para que o historiador desenvolva estratégias de comunicação assertivas, que estimulem a valorização de seu conhecimento perante a multiplicidade de outros profissionais que acabam ocupando o papel público de divulgação de conteúdo histórico. Uma vez mais, o capítulo é desenvolvido não apenas com base na apresentação de uma problemática, mas também de alternativas de carreira viáveis para o historiador.

Afastando-se um pouco das recentes demandas do mercado onde este profissional pode se inserir, “Estrutura de um projeto de história” segue o tradicional caminho da pesquisa historiográfica. Nele, o leitor é informado dos principais procedimentos que um projeto de seleção para mestrado e doutorado exige – mas não apenas isso: na segunda parte do capítulo, os autores comentam e instruem também a construir projetos de *prestação de serviços* – de financiamento e de investimento –, que, aliás, seguem um modelo bastante semelhante ao acadêmico (a diferença consiste em quem os encomenda a finalidade de sua preparação). Desse

modo, é possível adquirir sólida base teórica para elaborar tanto um modelo quanto outro.

Seguindo a mesma linha temática do capítulo precedente, “Projetos de história e financiamento público” direciona o leitor ao tema da captação de recursos por meio de editais públicos, diferenciando este tipo de captação do setor privado. Em um primeiro momento, os autores apresentam o que é uma pós-graduação – diferenciando MBA (*Master of Business Administration*) de pós *lato sensu* e *stricto sensu* –, comentam a respeito das formas de ingresso em programas de mestrado e de doutorado e fornecem informações de grande relevância sobre os caminhos que levam (e os que afastam) um candidato à aprovação; posteriormente, é dedicado um espaço às linhas de financiamento público destas pesquisas, em âmbito federal e estadual.

Por fim, o sexto e último capítulo se refere ao mercado e à captação de recursos privados, situando a História como mercadoria e destacando alguns nichos em que a área costuma ser valorizada – como a história institucional das empresas e a História Pública. Com isso, os autores buscam desmistificar a concepção arraigada de que a História não possui fins mercadológicos e, ainda, incentivar que os próprios historiadores enxerguem este potencial. Ideologias à parte, é evidente que a discussão é relevante pois nem sempre o tema é bem acolhido na área e, com isso, perde-se a capacidade de aproveitá-la como objeto de atividades remuneradas. A realidade, aliás, é que já existe uma série de outros profissionais – como jornalistas e sociólogos – ocupando este espaço não acadêmico, o que evidencia que há interesse de *consumo* (de livros, entretenimento e afins) e em divulgação científica da História para além de especialistas e dos muros das universidades e das escolas. Basta que historiadores vislumbrem este potencial e se posicionem de forma mais assertiva no mercado e no nicho da chamada “História Pública”.

Exposto este panorama do livro, vale destacar que a qualidade da obra não finda com o texto de cada capítulo: ao final de cada um, há uma síntese do que foi tratado, acrescida de indicações culturais – de leitura, produções audiovisuais, museus, dentre outras –, atividades de autoavaliação e de aprendizagem, bem como uma proposta de aplicação de uma atividade prática relacionada ao tema do capítulo. Nas últimas páginas, encontram-se, ainda, um glossário, referências de leitura e uma bibliografia

comentada. Esta configuração, pois, não só estimula o aprofundamento *a posteriori* do conteúdo ali presente, como também possibilita uma experiência diferenciada de consumo do livro – sem mencionar que esta é uma escolha bastante didática de redação. Com isso, o leitor mune-se de um rico repertório expositivo acerca das possibilidades de trabalho no campo da História ao longo dos capítulos e ainda tem a possibilidade de testar seu conhecimento ao final da leitura.

José Antônio Vasconcelos e Maurício Cardoso, assim, parecem ter tido o cuidado de não relegar a segundo plano *estratégias* de como pode o historiador atuar para além da sala de aula e da pesquisa institucionalizada: todos os capítulos, com ênfase nos dois últimos, são dedicados a desvelar uma miríade de possibilidades de carreira, valorizando sua formação em um momento histórico de claro descrédito da profissão. Isto sem mencionar as diversas partes do texto em que ensinam métodos e técnicas de estruturação de projetos e onde buscar recursos para desenvolvê-los – afinal, o aspecto econômico é de suma relevância quando se trata do assunto. Tendo, então, toda esta discussão em mente, pode-se afirmar que *Metodologia do desenvolvimento de projetos em História* é um livro que preza pelo pragmatismo, é acessível e altamente relevante para a vida profissional de historiadores.

Recebido em: 13/10/2022

Aprovado em: 07/12/2022